

talante, sob mil formas. Aos incômodos dá-lhes morte por vèzes cruel. Não raro cerca-os de um chorinho hipócrita e interesseiro.

Certa vez, uma mundana de alto bordo, desnoitara a pensão em que morava, com lamentações e chilikue, por que lhe morrera certo totô de estimação. Para perpetuar-lhe a memória, após a exuberante choradeira, mandou chamar o fabricante de peliças para fazer da pele do pranteado um "manchon". O artista, entretanto, advertiu-lhe que a pele era demais pequena. Para o que ela queria, precisaria o dôbro.

— "O dôbro" — disse a madama, e olhou para o canito, irmão do falecido, que dormia enroscado no divã. — "Olha" — disse ela, pensando na elegância e originalidade do "manchon" — então leva aquele também".

Não se julgue excepcional o fato.

Vejam o que fazem certos "amadores"

de pássaros, com o conhecido coleiro virado ou com o canário-da-terra. Instalam-no numa espécie de gaiola de papagaio em miniatura, e aí o prendem, com uma correntinha fina, que lhe amarram ao pescoço. Ao alcance do bico põem uma pequena caixa com tampa, dentro da qual depositam o alpiste. Para que a avezinha possa comer, tem de levantar, com o bico e a cabeça, a tampa da caixinha. Ainda não pára aí a invenção diabólica. A água é posta no chão da gaiola, onde a ave, presa ao fio, não pode chegar. Junto ao poleiro em que está pousada, existe outra correntinha com o dedal, que mergulha na água do bebedouro.

Para saciar a sede, a ave tem que puxar a corrente com o dedal, cheio de água.

O mais das vèzes, a avezinha morre antes de aprender a comer e a beber.

Os Rinocerontes

J. Mavial S. Monteiro

Des. de Leônidas V. Campos

A África, o misterioso Continente Negro, terra de contrastes tão violentos como a presença dos monótonos e desertos areais do Sahara e as magníficas e vetustas florestas fechadas do Congo; pátria de uma das primeiras civilizações humanas — a egípcia — e que ainda ouve os ritmos bárbaros de povos primitivos; que alimenta em seu seio a raça de homens mais altos do Globo — os do lago Tchad — e os menores representantes da espécie — os pigmeus; é a vasta extensão de terra onde vamos encontrar os maiores animais terrestres de hoje. É lá onde vive a esguia girafa, onde correm os avestruzes, onde voam as maiores águias e os mais gigantescos morcegos, onde impera o mais terrível carniceiro, onde domina o monumental elefante. Pois é no meio de toda esta prodigalidade natural, que vivem os rinocerontes, vice-reis em tamanho dos mamíferos terrestres.

Embora de regime herbívoro, os rinocerontes são temíveis feras, de gênio irascível, brutos de cérebro diminuto, que atacam sem serem provocados. A sua monstruosa massa de tonelada e meia impulsionada pelos poderosos músculos ar-

remete-se cegamente para o caçador e as consequências do ataque não são difíceis de prever. Têm entretanto vista fraca o que permitirá à vítima se afastar rapidamente para um lado, pondo-se ao abrigo de um tronco nas proximidades. O ouvido e o olfato são seus principais sentidos e é guiado principalmente pelo último, que busca a vítima.

São os rinocerontes habitantes não só da África mas também da Ásia Meridional e ilhas próximas. Na África existem duas espécies das quais a mais conhecida é o rinoceronte negro, monstro de três metros de comprimento e mais de 1,50 m de altura. Possui o tronco e pernas maciças cobertos de um espesso couro quase desprovido de pelos. Na enorme cabeça implantam-se dois cornos resultantes da aglomeração de pelos fortes, sem esqueleto ósseo. É o rinoceronte negro (*Diceros bicornis*) habitante da Angola, Rodésia, Nordeste do Transvaal, Tanganica, Kênia e Uganda. São animais solitários, sedentários, vivendo nas estepes, só saindo a noite para se banhar nos rios lodacentos onde se cobre de lama que o protegerá das picadas dos insetos. Apesar disso, vive atormentado por



RINOCERONTE — Desenho de Leonidas V. Campos para "Fauna".

grande número de parasitas, e incapaz de se defender travou curioso pacto com certas avezinhas que vivem em seu dorso caçando-lhes os insetos. Os rinocerontes dão-lhes alimento abundante e elas os livram das pragas e ainda o avisam das proximidades dos inimigos, voando assanhadas. O seu regime herbívoro dá-lhe uma vida pacata, mas o bruto de cérebro reduzido, tem mau gênio, investindo contra qualquer intruso, mesmo sem ser provocado.

O outro rinoceronte africano é o *Ceratotherium simus*, conhecido vulgarmente por rinoceronte branco. Diga-se de passagem que não há, absolutamente, fundamento algum nas denominações negro e branco, pois ambos são de cor pardacento-escura. Este é o maior animal terrestre depois do elefante. Atinge mais de 4 metros de comprimento por altura que alcança 2 metros, com duas toneladas de peso. O bruto é entretanto, animal pacífico, diurno e vive em pequenos bandos nas margens lodacentas dos rios. Possui igualmente dois cornos na cabeça, podendo o primeiro, que é sempre o maior nas duas espécies, atingir, bem mais de 1 metro, tendo sido caçado por Gordon Cumming um que possuía corno de 1,58! O seu regime social, diurno, pacífico, sua carne muito apreciada e o couro usado para fins diversos, tornaram-no mais vulnerável aos caçadores, e atualmente, éle que vivia em toda a África Meridional e Equatorial, está restrito a determinadas regiões.

Os animais asiáticos diferem dos africanos por um caráter facilmente reconhecível. É que eles possuem a pele espessada em plaque que lhe dão a impressão de estarem metidos numa armadura. Habitante asiático do Assam e Nepal é espécie atualmente com poucos representantes, pois, durante séculos sem conta têm sido objeto de caça intensiva. Animal que atinge 3 metros de comprimento por mais de 1,50 de altura, com um peso de tonelada e meia, possui, diferentemente dos africanos apenas um corno e de pequeno tamanho (30 cms.) Vive nos bosques espessos daquelas regiões e é animal noturno, gostando de se banhar nos rios lamacentos. A carne comestível, a pele forma espessa couraça usada para diversos fins, e, principalmente, o corno tido como droga maravilhosa, são os principais crimes de que o homem lhe acusa, condenando-o à morte. O corno usado até pouco tempo na farmacopéia chinesa, e na Idade Média levado à Europa em grande quantidade atingia preços fabulosos, pois era tido como chifre de unicórnio, com "reais" propriedades anti-venenosas e afrodisíacas.

Em Java, vive outro rinoceronte de um só corno é o *Rhinoceros sondaicus* e na Malaca, Sumatra e Borneu vive outro de dois cornos o *Dicerorhinus sumatrensis* que é o menor rinoceronte, não atingindo 1,50 de altura.

FAUNA

ORGÃO MENSAL DO CAÇADOR E PESCADOR NACIONAL



ANO XVI — N.º 9 — SETEMBRO DE 1957 — PREÇO C\$ 12,00